

Ética biocêntrica para a sustentabilidade ambiental e o design de moda *Biocentric ethic for environmental sustainability and the fashion design*

Neide Köhler Schulteⁱ

Lourdes Pulsⁱⁱ

Lucas da Rosaⁱⁱⁱ

design de moda, ética ambiental, biocentrismo

Neste artigo são apresentados os princípios da ética ambiental biocêntrica, propostos pelo teórico Paul Taylor no livro *Respect for Nature*. A partir da proposta de Taylor, verificou-se a possibilidade de adequar a moda aos princípios de uma ética ambiental biocêntrica. Novos cenários para a moda, enfatizando-se serviços, trocas e aluguel de roupas, podem reduzir os impactos ambientais e podem, também, ser um meio para disseminar o biocentrismo, que respeita todas as formas de vida. Através da moda é possível difundir novos conceitos e valores para a sociedade humana.

fashion design, environmental ethics, biocentrism

*In this article are presented the principles of biocentric environmental ethics, proposed by Paul Taylor in the book *Respect for Nature*. From Taylor's proposal, it has been verified the possibility for the adequation of fashion to the principles of biocentric environmental ethics. New scenarios for fashion, specially services, exchanges and clothe rental can reduce environmental impacts and can also be a way to disseminate biocentrism, that respects all kinds of life. Through fashion is possible to disseminate new concepts and values to human society.*

1 Introdução

Esta pesquisa se fundamenta na proposta do filósofo Paul W. Taylor para estabelecer as bases para uma ética ambiental genuína. A partir dela, levanta-se a implicação de uma ética ambiental na sustentabilidade ambiental e no design de moda.

Paul W. Taylor, considerado um filósofo individualista da Ética Ambiental Biocêntrica, em seu livro *Respect for Nature: a theory of environmental ethics*, apresenta sua teoria para a ética ambiental. É uma tentativa de estabelecer as bases racionais de um sistema de princípios morais, através dos quais o tratamento humano para com o ecossistema natural, e para com as comunidades selvagens, deva ser guiado. Taylor argumenta que independente dos deveres que os humanos possuem para com os outros seres humanos, eles são moralmente requeridos a se preocupar com certas ações que possam beneficiar ou prejudicar os seres selvagens no mundo natural. O mundo natural não é um simples objeto para ser explorado pelos humanos, nem utilizado como recurso de uso e consumo. Ao contrário, as comunidades de vida selvagem são merecedoras de preocupação moral e consideração, pois possuem um tipo de valor que lhes pertence inerentemente.

A formulação de uma ética ambiental é necessária porque as plantas e os animais não são reconhecidos como tendo interesses ou valores que devam ser levados em conta por si mesmos. Para que o mundo natural seja preservado, é preciso que haja respeito pelo valor inerente das coisas vivas, independente de qualquer valor instrumental que possam ter para os humanos.

Para esta pesquisa, a metodologia utilizada tem como base uma análise teórica exploratória da proposta do filósofo biocêntrico Paul W. Taylor. A pesquisa pretende contribuir para estabelecer novos princípios para uma sustentabilidade ambiental genuína, que inclua o aporte do design de moda na concepção de produtos e serviços.

2 Ética ambiental biocêntrica

Para definir o valor das entidades na natureza, Taylor inicia a sua teoria com a definição do conceito de 'bem próprio'. Para o autor, o tipo de entidade possuidora de bem próprio é sempre entendida como um organismo individual. Uma forma de saber se algo pertence à classe de entidades que possuem bem próprio é ver se faz sentido falar sobre o 'bem ou mal' da entidade em questão. Se for possível dizer que algo é bom ou ruim para uma entidade, sem referência a qualquer outra entidade, então ela possui bem próprio (Taylor, 1987, p. 61).

Essas idéias podem igualmente ser expressas em termos de benefícios ou malefícios. Beneficiar uma entidade é preservar a condição que é favorável para a mesma, ou evitar, ou prevenir o acontecimento de uma condição que seja desfavorável para ela. Prejudicar é acarretar uma condição desfavorável, ou destruir, ou tirar uma condição favorável. Os termos 'favorável' e 'desfavorável' se aplicam a algo do qual seu bem próprio pode ser buscado ou danificado, e isso pode verdadeiramente ser dito apenas para uma entidade que possui bem próprio (Idem, p. 62).

Taylor apresenta outro conceito necessário para entender o que significa possuir uma atitude de respeito pela natureza, é o conceito de 'bem inerente' (*inherent worth*) de uma entidade.

Para esclarecer o que significa para uma entidade possuir bem inerente, Taylor apresenta dois outros conceitos de valor: o conceito de 'valor intrínseco' e de 'valor inerente'. Nenhum é idêntico ao de 'bem inerente'.

Quando humanos, ou outros seres conscientes, atribuem valor positivo a um evento ou a uma condição em suas vidas, que diretamente vivenciam como agradável, e quando valorizam a experiência, considerando-a boa, o valor que lhe atribuem é intrínseco. A experiência é julgada como intrinsecamente boa. Valor intrínseco é igualmente atribuído a objetivos que seres conscientes buscam alcançar e também a interesses que buscam como intrinsecamente válidos.

Valor inerente é o valor em que posicionamos um objeto ou um lugar (assim como uma obra de arte, um prédio histórico, um campo de batalha, uma 'maravilha da natureza' ou um sítio arqueológico) que acreditamos que deva ser preservado, não por causa de sua utilidade ou valor comercial, mas simplesmente por sua beleza, sua importância histórica, ou sua significância cultural. Quando um objeto ou lugar é valorizado desta forma, se considera equivocado destruí-lo ou prejudicá-lo, ou permitir que o lugar seja negligenciado. Providências são tomadas para preservá-lo em boas condições e para protegê-lo do vandalismo. É algo precioso para as pessoas, algo que concentra valor. Independente de qualquer utilidade prática ou valor comercial que possa ter, é sustentado pela estima. Um indivíduo pode valorizar qualquer objeto, sabendo que não é valioso para o mercado, desde que lhe tenha sido dado por alguém querido. Independentemente da base do valor inerente atribuído a algo, de ser estético, histórico, cultural ou sentimental, *o valor inerente de algo é relativo e dependente de alguém que o valorize*. Se as pessoas admiram algo pelo que é, independentemente de seus méritos, faltaria valor inerente a esse 'algo'. O mesmo funciona para seres vivos considerados apenas como objetos de valor inerente. Na ausência de valorização subjetiva da parte das pessoas que os valorizam pelo que são, tais animais e plantas não possuiriam valor inerente. 'Seu valor é inerente' apenas no sentido de que são avaliados pela sua importância não-comercial, e independentemente de qualquer uso prático ao qual poderiam ser submetidos' (Idem, p. 73-75).

O termo 'bem inerente' deve ser atribuído apenas a entidades possuidoras de 'bem próprio'. O reconhecimento do bem inerente de uma entidade é declarado de dois modos:

- (a) independentemente de uma entidade ser valorizada de forma intrínseca ou instrumental, por algum avaliador humano;
- (b) independentemente de uma entidade ser de fato útil para a busca da realização do bem de algum outro ser, humano ou não-humano, consciente ou não-consciente.

Portanto, na teoria de Taylor, se um ser vivo possui bem inerente, esse possui tal valor independentemente de qualquer valor instrumental ou inerente, e sem referência ao bem de qualquer outro ser.

Conforme Taylor, se considerarmos as pessoas como possuidoras de bem inerente, então todas elas possuem o mesmo valor, sendo que é a personalidade a base de seu valor. 'É possível estabelecer a verdade da afirmação, de que uma pessoa possui bem inerente, ao mostrar que apenas essa forma de considerar as pessoas é coerente com a concepção de toda pessoa como um ser racional, valorizado um centro autônomo de vida consciente' (Idem, p. 77 e 78).

O mesmo tipo de argumento, segundo Taylor, também sustenta a afirmação de que todos os animais e plantas, no mundo natural, possuem bem inerente. 'Pode-se estabelecer a verdade de tal afirmação ao mostrar que apenas essa forma de considerá-los é coerente com o sistema de crenças do ponto de vista biocêntrico da natureza' (Idem, p. 79).

Na teoria da ética ambiental biocêntrica elaborada por Taylor, os humanos devem identificar a sua existência, as suas relações com os outros seres vivos e o conjunto de ecossistemas naturais em nosso planeta, como um membro da 'comunidade de vida da Terra' (Idem, p. 44).

3 Metodologia

A investigação teórica acerca dos princípios da ética ambiental biocêntrica, enfocou o estudo da proposta do teórico Paul Taylor no livro *Respect for Nature*. O estudo do livro foi iniciado durante o segundo semestre de 2008 na disciplina Ética Prática, ministrada pela professora Dra. Sônia T. Felipe, no Programa de Pós-Graduação em Filosofia do Centro de Filosofia e Ciências Humanas, na Universidade Federal de Santa Catarina. Além da professora, participaram do estudo oito alunos de mestrado e doutorado. No final da disciplina, cada aluno desenvolveu um artigo relacionando a teoria de Paul Taylor com sua área de pesquisa e o presente artigo é o resultado das relações estabelecidas pela autora.

4 Resultados

Do estudo empreendido resultou uma questão central: antropocentrismo X biocentrismo.

O ponto de vista biocêntrico desemboca em uma visão não hierárquica da natureza. Aceitar tal ponto de vista é comprometer-se com o princípio da imparcialidade entre as espécies. Nenhuma preferência a favor de alguns sobre outros é aceitável. Esta imparcialidade se aplica à espécie humana, assim como se aplica às espécies não-humanas.

Após a publicação da obra *Respect for Nature*, muitos teóricos ambientalistas, por exemplo, James Sterba, Baird Callicott, Nicholas Agar, Kenneth Goodpaster, Rick O'Neil, entre outros, elaboraram teorias refutando ou aceitando a teoria da ética ambiental biocêntrica proposta por Taylor.

No Brasil, embora não se encontrem textos de teóricos ambientalistas biocêntricos, pode-se observar que o ambientalista José Lutzenberger, através das suas argumentações no artigo 'Por uma Ética Ecológica', tem uma visão ambientalista biocêntrica:

Se quisermos sair da atual crise ecológica que a humanidade trouxe sobre si mesma, e se não sairmos, não teremos futuro, vamos precisar de uma moral mais ampla, mais completa, de uma ética ecológica. Temos que aprender a ver o todo. Temos que nos livrar deste velho preconceito ocidental, de que o homem é o centro do universo, de que toda criação está aqui para nos servir, de que temos direito de usá-la e abusá-la sem sentido algum de responsabilidade. Temos que nos libertar da idéia de que outros seres só têm sentido em função da sua utilidade imediata para o homem. Nossa ética terá que incluir toda criação (*in* Bones, Elmar; Hasse, Geraldo, 2002, p. 190).

José Lutzenberger foi um dos ambientalistas brasileiros mais ativos nas décadas de 70 e 80. Com formação acadêmica de engenheiro agrônomo, ex-vendedor de produtos químicos, revelou-se um excepcional conferencista sobre questões ligadas à preservação ambiental. Em 1971, proferiu a conferência 'Por uma ética ambiental ecológica', considerada um marco do movimento ambiental brasileiro (Bones, Elmar; Hasse, Geraldo, 2002, p. 98).

Entre os fatores apresentados por Lutzenberger como causadores dos problemas ambientais está 'a ética ocidental, a que hoje domina o mundo, independente de ideologias políticas e religiosas, é exclusivamente antropocêntrica, não reserva nenhum lugar para as demais criaturas' (Idem, p. 188).

5 Discussão

5.1 A ética como princípio para sustentabilidade ambiental

O ponto de vista ético da sociedade humana é predominantemente humano-centrado (antropocêntrico). A condição moral da ética humana é o respeito pelas pessoas. Em adição às obrigações morais que humanos têm entre seus pares, os humanos também possuem deveres para com os demais seres da comunidade viva da Terra.

As obrigações dos humanos com as formas de vida não-humanas estão baseadas no seu *status* de entidades possuidoras de 'bem inerente'. Elas possuem um tipo de valor que lhes pertence por meio de sua própria natureza, e é o valor que torna equivocado tratá-las como se existissem apenas como meros meios para possibilitar ações humanas. É pelo bem das formas de vida não-humanas, que seu bem deve ser promovido ou protegido. Assim como os humanos devem ser tratados com respeito, as formas de vida não-humanas devem ser tratadas da mesma forma (Taylor, 1989).

Códigos de ética são criados para estabelecer padrões e regras que definem os direitos e deveres que regem a conduta entre os humanos. Para cada área do conhecimento são estabelecidos códigos com padrões e regras específicos. É a postura ética que alicerça o respeito que se precisa conquistar e manter. Respeito entre colegas de profissão que, ao adotarem padrões reconhecíveis e comuns, passam a atuar de maneira justa e consistente em relação ao mercado. Respeito entre designer e cliente, para que os modelos de conduta profissional assegurem direitos e deveres das partes, estabelecendo claramente os compromissos com a qualidade e a construção de relações maduras. 'Definir as diretrizes de comportamento foi o primeiro passo para a consolidação da atuação profissional do designer, porque sem ética não há estética' (Kapaz, 2004, p. 47).

Embora se encontre referência ao meio ambiente, não se estabelece regras específicas que para reger a conduta desses profissionais designers dentro de uma ética de respeito pela natureza. Na verdade, regras específicas só terão valor real para a natureza, quando se estabelecer uma ética ambiental biocêntrica, onde os seres vivos do mundo natural possuem um valor simplesmente em virtude do fato de serem membros da comunidade viva da Terra. Tal valor não deriva apenas da possibilidade de uso dos mesmos pelos humanos.

A complexidade em estabelecer regras de conduta para as atividades dos humanos, diante da visão da ética ambiental biocêntrica, tem desafiado os teóricos. Eles buscam formular teorias que apresentem regras coerentes para guiarem as ações humanas, permitindo um desenvolvimento ambientalmente sustentável, com menor impacto possível para a natureza não-humana.

5.2 A moda no contexto da sustentabilidade ambiental

O vestuário de moda é um produto efêmero, está associado ao consumismo. O sistema atual da moda está em oposição ao desenvolvimento sustentável e ao consumo consciente. Para o vestuário, a cada estação se propõe novos produtos, com modelagens, cores e tecidos diferentes. Há um grande apelo para que o consumidor se mantenha na "moda", substituindo as roupas que ainda estão em bom estado por novos modelos desenvolvidos de acordo com as novas tendências apresentadas pelos grandes escritórios de estilo e pelas feiras internacionais de moda. É tão rápida a relação entre consumidor e roupa, que não há tempo para a roupa carregar a memória da pessoa que a veste. A roupa, enquanto vestuário de moda, não passa de mera mercadoria rapidamente descartável. Atribui-se muito valor à mercadoria, mas não ao objeto, à roupa. Assim, ela é trocada quando são lançadas as novas tendências e, muitas vezes, se paga caro pela novidade, não pela roupa em si.

Uma dicotomia se estabelece ao se falar em sustentabilidade ambiental na moda. O produto de moda é efêmero, símbolo do consumismo e, na busca pela sustentabilidade ambiental, é preciso um consumo consciente de produtos, que devem ser desenvolvidos para um ciclo de vida mais longo, ou serem substituídos por serviços. Entre os cenários que podem ser explorados como alternativos para a moda está o aluguel de roupas para o dia-a-dia, oficinas de customização e reparos, roupeiros coletivos, feiras de trocas, *vintage* (roupas antigas) vendidas em brechós, entre outros.

A redefinição dos objetos, a substituição do consumo pelo uso de produtos, a ética na relação dos humanos com a natureza, é um novo paradigma que se está estabelecendo, para tanto é preciso muita pesquisa, investimentos e mudanças de valores.

Um impulso dado hoje pode trazer resultados concretos no prazo de dois a cinco anos, mostrando, assim, que não é necessário esperar a próxima revolução tecnológica 'limpa' em um hipotético futuro. Nossa sociedade precisa dar um enorme salto criativo: isso deverá acontecer por meio dos objetos concebidos para tecer um novo vínculo do homem e a natureza (Kazazian, 2005, p. 10).

Na verdade, segundo alerta de vários cientistas e pesquisadores do meio ambiente, não há tempo para esperar por mudanças culturais, por uma revolução tecnológica ou de valores. Essas mudanças podem levar anos, e a crise ambiental gerada pelo desenvolvimento humano se aproxima de um cataclisma.

Para muitas pessoas, esse alerta não passa de um exagero, sensacionalismo dos ambientalistas. Contudo, já é possível observar nas mudanças climáticas, na extinção de diversas espécies de animais e plantas, nas pandemias, entre outros eventos, que o ser humano precisa rever sua relação com a natureza. E essa mudança pode ocorrer de uma forma ou outra, por caminhos traumáticos ou através de uma transição por escolha,

Praticar a sustentabilidade ambiental significa cuidar das coisas. Do menor de todos os produtos, até o planeta inteiro e vice-versa. Como podemos imaginar a transição para a sustentabilidade? Por caminhos traumáticos (uma transição forçada por efeitos catastróficos, que de fato obrigam a uma reorganização do sistema) ou mais indolores (uma transição por escolha, isto é, como efeitos de mudanças culturais, econômicas e políticas voluntárias que reorientem as atividades de produção e consumo) (Manzini, Ezio; Vezzoli, Carlo, 2005, p. 17).

Diante deste contexto, como conciliar a moda com o desenvolvimento ambientalmente sustentável se 'o indivíduo atomizado, absorvido consigo mesmo, está pouco disposto a considerar o interesse geral, a renunciar aos privilégios adquiridos; a construção do futuro tende a ser sacrificada às satisfações das categorias e dos indivíduos do presente' (Lipovetsky, 1989, p. 13). Indubitavelmente se está diante de um grande desafio, tanto para moda, quanto para toda sociedade humana.

Se as mudanças na moda dependem da cultura estabelecida e dos ideais sociais que a compõem, é complexo pensar a moda inserida no contexto do desenvolvimento ambientalmente sustentável. No entanto, sob a aparentemente tranqüila superfície da cultura estão intensas correntes psicológicas, das quais a moda pode rapidamente captar a direção. Assim, se numa sociedade democrática, onde existem diversas iniciativas e movimentos para estabelecer o desenvolvimento ambientalmente sustentável, a moda encontrará uma forma de incorporá-lo.

'A natureza pode responder à necessidade de cada um, mas não à avidez de todos', Gandhi (*in* Kazazian, 2005, p. 17).

Considerações finais

Agir com ética, tanto na relação com os demais humanos, quanto com a natureza, pode ser a atitude desencadeadora para a real possibilidade de um desenvolvimento ambientalmente sustentável. Sem o reconhecimento, pelos humanos, do bem inerente da natureza, a partir de princípios para uma ética ambiental biocêntrica, onde há o respeito por todas as formas de vida, será praticamente uma utopia preservar a espécie humana no planeta Terra.

Diante desse contexto, a moda tem a possibilidade de explorar novos cenários, citados anteriormente, evitando a produção e o consumo exagerado de produtos novos. Com um ciclo de vida mais longo das roupas, a redução de consumo, entre outras ações, a moda, dentro da estética contemporânea, pode respeitar alguns princípios da ética ambiental biocêntrica e principalmente disseminá-la.

Um exemplo que já pode ser observado é o retorno ao cultivo do algodão orgânico que não usa agrotóxicos durante o cultivo nem produtos químicos no processo de fiação, tecelagem e acabamentos. Assim, evita a morte de plantas, animais e inclusive humanos.

O estudo possibilitou o conhecimento das bases teóricas da ética biocêntrica proposta por Paul Taylor no livro *Respect for Nature*. Ficou evidenciada a visão antropocêntrica na relação do homem com a natureza. Sugere-se mais estudos e pesquisas para identificar de que modo

é possível se adequar o desenvolvimento humano aos princípios da ética ambiental biocêntrica.

Referências

ADG Brasil. O valor do design: guia ADG Brasil de prática profissional do designer gráfico. 2ª ed. Editora Senac São Paulo; ADG Brasil Associação do designer gráfico, 2004.

BONES, Elmar; HASSE, Geraldo. Pioneiros da ecologia: breve história do movimento ambientalista no Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Editora Já, 2002.

LIPOVETSKY, Gilles. O império do efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas. São Paulo: Cia das Letras, 1989.

MANZINI, E; VEZZOLI, C. O desenvolvimento de produtos sustentáveis. Os requisitos ambientais dos produtos industriais. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2005.

KAZAZIAN, Thierry. Design e desenvolvimento sustentável: haverá a idade das coisas leves. São Paulo: Editora SENAC, 2005.

TAYLOR, Paul W. Respect for Nature: a theory of environmental ethics. 2. impress with corrections. New Jersey, Princeton: Princeton University Press, 1987.

i UDESC, Brasil, neideschulte@gmail.com.

ii UDESC, Brasil, lurdinhapuls@gmail.com>.

iii UDESC, Brasil, lucasdarosa@yahoo.com.br.